

Editorial

“Humanidades possíveis” foi a inquietação que nos serviu como estímulo e inspiração para a escrita psicanalítica na nossa *Berggasse 19* em 2023.

Considerações sobre o tecido social humano, não humano e por vezes desumano presente nas tensões sociais, econômicas e raciais, nas relações com o planeta e na atemporal ameaça de guerras permeiam as questões levantadas como um estopim. Já se fizeram presentes no primeiro número do ano, mas observando a expressão dessas dimensões nas dinâmicas mentais intrapsíquicas que compõem a mente também em sua individualidade, adentramos a sala de análise com o segundo número em uma extensão do tema inicial: “Humanidades possíveis na sala de análise”.

O encontro na sala de análise, justamente na especificidade da clínica psicanalítica, parece ser um lugar privilegiado para a reconstituição do encontro com o humano possível presente na mente de cada indivíduo e na relação com o outro. O que irá emergir do encontro? O que irá emergir do encontro humanamente possível entre analista e analisando a cada sessão, em cada sala de análise? Essa é a provocação para o trabalho da pesquisa e escrita proposta pelos editores.

Freud em “Psicologia de grupo e análise do ego”,^[1] propõe que “num sentido ampliado a psicologia individual é também psicologia social”. Mas o espaço privilegiado de acesso aos movimentos conscientes <-> inconscientes expressivos de tais dinâmicas situa-se justamente na interioridade do eu, “alojada” no externo da sala de análise. Espaço interno-externo, compartilhado por analista-analisando, cocriado pela dupla, único, irreproduzível, onde se constitui e reconstitui a história humana de cada um e, ao mesmo tempo, se cria e recria a possibilidade de sustentar *humanidades*.

Em 1895, no seu artigo “Projeto para uma psicologia científica”,^[2] Freud nos propôs o Complexo do Semelhante, conceito praticamente esquecido ou talvez absorvido pelo desenvolvimento teórico posterior. Ignácio Paim Filho, Joyce Goldstein e

1. Freud, S. (1996). Psicologia de grupo e análise do ego. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 18. Além do princípio do prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922)* (J. Salomão, Trad.; pp. 77-154). Imago. (Trabalho original publicado em 1921)

2. Freud, S. (1996). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 1. Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1889)* (J. Salomão, Trad.; pp. 333-346). Imago. (Trabalho original publicado em 1895)

Sandra Wolffenbüttel, em artigo publicado na *Berggasse 19* em 2020,^[3] revisitam tal conceito e, num diálogo com Freud, afirmam que o estado inicial de desamparo da “cria humana” a coloca essencialmente dependente de ajuda externa, de um outro – outro experiente e vivido o suficiente para estar atento ao seu desamparo. O caos pulsional inicial marcado pelo desamparo e pela dependência do externo ganha significado pela presença do outro/semelhante e torna-se matriz da visceral relação do sujeito consigo, com o outro, com o mundo. Citando os autores:

“Partimos do princípio de que a relação com o semelhante é o que nos torna humanos, consistindo no elemento capaz de fundar e manter viva a nossa existência e a capacidade para produzir encontros” (p. 33).

O outro capaz de estar atento, ter consideração pelo desamparo e transformá-lo é também revisitado por Bion quando nos propõe a função alfa materna como meio de tornar toleráveis as vivências em princípio intoleráveis para o bebê. A partir desse trânsito forma-se a matriz para o desenvolvimento da capacidade humana para pensar através da *rêverie* materna. Para Bion, a capacidade para pensar desenvolve-se justamente a partir do vínculo com o outro, o outro semelhante e ao mesmo tempo diferente que ampara e ao mesmo tempo (trans)forma o sujeito.

A constituição do humano a partir do contato com o humano vai se delineando na teoria e prática psicanalíticas. Em Winnicott o conceito de *holding* trata mais uma vez da sustentação do ser diante de sua impossibilidade de sustentar-se sozinho, novamente trata da marca humana amparo-desamparo, dependência-autonomia, das possibilidades de sobrevivência e formas de sua existência.

A identificação projetiva, conceito proposto por Klein e ampliado por Bion, nos apresenta a forma primitiva de comunicação, inicial, embrionária, própria do tempo do desamparo do ser humano. Nesse tempo em que o indivíduo não se sustenta por si mesmo, não tolera suas próprias vivências, estas precisam encontrar um depositário, forma mais elementar de se comunicar sofrimento.

Essas são todas referências de diferentes sistemas de pensamento em psicanálise, que não se contrapõem, opõem ou complementam, mas sim apresentam diferentes dimensões da experiência humana pelo olhar da psicanálise. Nas palavras de Ogden, “juntos eles proporcionam uma profundidade ‘estereoscópica’ à compreensão das experiências emocionais que ocorrem no *setting* analítico” (p. 137).^[4] Nesse artigo, intitulado “Sobre sustentar e conter, ser e sonhar”, Ogden restringe-se a articular as ideias de Winnicott e Bion, e nós tomamos a liberdade de trazer para a conversa Freud, Klein e agora nossos colegas autores que generosamente compartilharam conosco a intimidade de suas salas de análise, experiências vivas do ser e fazer psicanálise que por vezes desafiam a própria sobrevivência humana do analista.

3. Paim, I., Filho, Goldstein, J., & Wolffenbüttel, S. (2020). Do desamparo ao Complexo do Semelhante: uma interlocução com as origens. *Berggasse 19*, 10(2), 19-40.

4. Ogden, T. (2010). Sobre sustentar e conter, ser e sonhar. In *Essa arte da psicanálise: sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos* (D. Bueno, Trad., pp. 121-138). Artmed.

Abrimos o número com “Uma certa pulsão de humanidade”, de Ana Rita Nuti Pontes, que marca também a parceria de 2023 da revista com a VI Bienal de Psicanálise e Cultura de Ribeirão Preto, tendo em vista que o artigo foi apresentado na mesa de abertura do evento. Numa rica interlocução entre arte, cultura e psicanálise, a autora discute as condições de humanização do ser humano frente às qualidades constitucionais que o predispõem tanto à destrutividade quanto às possibilidades de amar, cuidar e construir o belo, concluindo com a consideração de uma possível pulsão de humanidade pela qual, a partir da tensão amor-ódio, se constituiria o potencial ético de respeito às várias formas de vida. A autora, também convidada para nossa seção “Conversando com...”, segue a discussão com especial atenção para a contribuição da arte como sonhar para a constituição de humanidades possíveis. Foi uma conversa recheada de registros históricos e afetivos sobre a fecunda parceria da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto com o campo da arte e da cultura, parceria da qual Ana Rita é uma representante significativa.

Paulo de Moraes Mendonça Ribeiro, com “Um analista humano: amor, amor contra(trans)ferencial e Édipo revisitado”, nos apresenta, a partir da intimidade da clínica e da interioridade do analista, uma reflexão sobre o manejo clínico da transferência e contratransferência erótica, trazendo a conceituação de Searles e a interlocução com o mito do fio de Ariadne.

Anette Blaya Luz, com o “Passado, presente e futuro: a tarefa adolescente de desconstrução e reconstrução da subjetividade”, nos traz em observações clínicas sensíveis a humanidade do adolescente e seus desafios, que também alcançam seus analistas em meio ao mundo contemporâneo e à comunicação virtual.

Claudio Castelo Filho, em “Considerações a respeito de integridade e situações de impasse em análise”, ilustra numa clínica viva os desafios do analista para se sustentar humanamente ético diante de personalidades nas quais predomina a inveja constitucional que ataca e ameaça o próprio trabalho analítico.

Retomando com Mirian Malzyner a parceria com a Bienal em “Um sussurro de esperança: literatura e psicanálise em diálogo”, o artigo também foi apresentado no evento e dialoga com a arte diretamente, em especial com a obra de Noemi Jaffe, destacando aspectos essenciais para a psicanálise como hospitalidade, tempo, objetos, raízes e exílio.

“Aspectos inumanos do psiquismo: implicações clínicas sobre estados primitivos da mente”, de Marcelo Salles Bueno, segue reforçando a ênfase na clínica com as mentes primitivas que impõem o desafio humano ao analista de dar maior amplitude a sua técnica psicanalítica.

Na seção “Infância e Família”, Ana Regina Morandini Caldeira, em “Sobre as múltiplas luas do céu”, numa linguagem poético-científica nos convida ao sonhar analítico que sustenta a clínica e a teoria em psicanálise, acompanhada em sua discussão pelo artigo “Sobre três formas de pensar”, de Thomas Ogden.

Por fim, em “Psicanálise em Língua Portuguesa”, Carla Cristina Pierre Bellodi e

seu “O psicanalista e as (des)humanidades à flor da pele” consideram a necessidade de investigação da área do trauma relacionada ao racismo que desumaniza o povo negro e, nas palavras da autora, “colocam o tema do racismo no divã”. Conceitos centrais na obra de Ferenczi permeiam e embasam a discussão.

Cumprindo nosso compromisso editorial bem como o compromisso ético da psicanálise em se manter como espaço de sustentação do pensar e das *humanidades possíveis*, fechamos o ano de trabalho desejando uma ótima leitura a todos!

Ana Cláudia G. R. de Almeida

Editora Berggasse 19